

FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL—GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS—Anno 12500 reis.—Semestre 800 reis.—Anuncios cada linha 40 reis, pagas antes da publicação do primeiro annuncio, communicado 50 reis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BILAGA, Campo de Sant'Anna.

VILLA VERDE—1887

Os acontecimentos do Allivio — A policia civil — Considerações

No nosso numero passado limitamo-nos a narrar, embora minuciosamente, os promenores d'esse lastimavel conflito que consternou todo este concelho e que teve por triste epilogo não uma só victima, como a principio se suppunha, mas duas, pois que o desgraçado Manoel Mano cujos ferimentos á primeira vista pareciam ser ligeiros, veio a morrer na quinta feira passada no Hospital de Braga para onde havia sido conduzido immediatamente ás factas occorrencias a que nos vimos referindo.

Fomos então meros narradores de factos que a paixão politica, a confusão de momento e a natural tendencia de exagerar acontecimentos já em si bem extraordinarios, tinham completamente adulterado.

A exactidão com que fizemos tal narração foi tão manifesta que ninguem até hoje, se atreveu a contestal-a.

Abstivemo-nos prudentemente de fazer quaesquer considerações, que podessem influir no espirito publico, e deixamos caminhar livremente a acção da justiça esperando confiadamente que ella havia de desempenhar cabalmente a sua missão e havia

de punir o crime, desentranhando-o, embora com difficuldade do meio, das versões e das historietas com que se pretendia encobri-lo!

Deante de tão monstruoso attentado, commettido por aquelles que deviam ser os mantenedores da ordem, a nossa consciencia revoltava-se e os brados da nossa indignação accudiram então como agora, espontaneamente, instinctivamente, aos bicos da nossa penna!

Simplesmente o momento era inoportuno e a critica d'esses acontecimentos feita n'essa occasião, seria descabida e inconveniente.

Hoje, porém, que o despacho de pronuncia foi lavrado contra os guardas civis, cujas armas fizeram fogo sobre uma multidão que já não agredia, mas só fugia,—temos o direito e o dever de commentar o facto, mostrando a som rasão, dos que cheios de mal cabida condolencia pela sorte dos policiaes (que afinal soffrerão apenas um castigo bem inferior á gravidade do delicto que praticaram) esquecem que ha ahí dois cadaveres e que ha uma mãe, que ha uma esposa, que ha seis filhos, a quem a sociedade tem o dever de dar condigna satisfação!

No desempenho d'esta missão, nós procuraremos demonstrar que tudo se poderia ter evitado se a policia tivesse aquillo de que totalmente carece—educação apropriada ao fim do que ella tem a preencher. Mais ainda faremos, que é de-

monstrar, tomando por base as proprias declarações dos accusados, que os tiros disparados por occasião da romaria do Allivio, e dados, não no momento em que o povo agredia, mas sim quando este fugia espavorido, não podem ser tomados á conta de defeza, mas sim devem ser considerados como aggressão injustificavel, inutil.

Ao menos já que duas vidas se perderam, não se perca a lição, e que o triste, o desgraçado acontecimento que tão profunda sensação tem causado, possa contribuir para que se olhe um pouco mais attentamente para a organização da policia civil, elevando-a á altura que ella deve attingir e obrigando-a a collocar-se a si propria n'um tal nivel d'auctoridade moral que se imponha ao respeito publico, o qual se conquista pela seriedade e pela prudencia, e não se obtem pelas balas nem pelas bayonetas!

Será este o motivo dos artigos que em os proximos numeros d'este jornal iremos successivamente publicando.

A questão agricola

A actual crise agricola está mostrando á provincia do Minho que é necessario adoptar novas culturas e aperfeiçoar as actuaes.

É de grande importancia para esta região o excellento artigo que sobre este assum-

pto publicou no «Agricultor Portuguez» o snr. Rodrigues de Moraes, digno chefe d'uma das repartições d'agricultura no ministerio das obras publicas.

Este distinctissimo agronomo, que tem desempenhado no paiz e no estrangeiro, com publico louvor, diversas commissões de que tem sido encarregado pelo nosso governo, conhece de sobejo esta provincia e o que se pratica lá fora, e por isso ninguem mais competente do que este illustrado funcionario para indicar aos nossos lavradores o caminho que tem a seguir nas actuaes circumstancias economico-gricolas.

Eis o artigo:

«A VINHA BAIXA NO MINHO

Como promettemos no numero passado do nosso periodico, voltamos hoje a este importante assumpto para responder mais precisamente á consulta do nosso estimavel assignante; mas antes de entrar propriamente na materia essencial da consulta, vamos começar pelas considerações com que fecha a consulta.

O snr. Menezes lastimando o estado da agricultura termina por dizer: «Parece-me melhor plantar vides ou semear batatas nos meus campos; milho é que não»

Perfeitamente; e porque não hade ser assim? Que obrigação tem o agricultor actual de fazer o mesmo, de repetir exactamente o que fazia seu avô?

A escolha das culturas que devemos adoptar depende de dois factores ou grupos de factores: d'um lado impera a natureza da terra e do clima, do outro o mercado; embora a planta, que queremos culti-

var, se accomode muito bem em dado lugar, se a não podermos consumir, se não houver quem a compre e pague não a devemos cultivar, e vice-versa, embora o mercado seja seguro, se a terra e o clima se oppozerem á cultura, não a devemos tentar.

Em geral, uma pratica agricola arraigada nos habitos d'um povo custa a perder-se, o mesmo não deve abandonar-se de leve, sem muita reflexão, porque quando a pratica consagra uma operação ou um systema é porque, em geral, este é racional e aquella bem fundamentada.

Entretanto estes principios não são absolutos; se o fossem não poderíamos progredir: assim como a pratica consagra um systema ou uma operação, assim pôde demonstrar que variando as circumstancias e as condições de meio deve variar o systema; é este o caso que parece deduzir-se das informações do nosso assignante, o milho que foi a cultura mais lucrativa do Minho deixaria de o ser, logo deverá ser substituida por outra que dê maior rendimento.

O nosso assignante diz que cultivará antes batatas ou vinha; — e porque não? As batatas e a vinha são proprias das terras e climas do Minho.

Mas pensaria bem o sr. Menezes, e pedimos nos desculpe a pergunta que poderá ser ousada, tritaria, disiamos, de comprar os resultados d'estas diferentes culturas? — Produzirão realmente as batatas mais que o milho? So os campos são de regadio e estrumados não me parece.

O producto do vinho com certeza que hade ser maior que o do milho; mas d'um campo de milho não são só este producto: tirado o cereal fica o prado d'onde se alimenta o gado, que tem sido uma fonte importante de receita para o agricultor do Minho, o que não poderá succeder com a vinha.

Tal felicidade não lhe foi concedida.

Não só ouviu muito distinctamente o menino Mercié chamar-lhe «velho marabá» por detraz da carteira, com grande gaudio de toda a rapaziada, como foi ainda victima d'um estratagemma d'aquelle travesso.

A' hora do recreio, o snr. Pache costumava dar um passeio pelo jardim.

A rede deu o seu resultado; quando menos esperava achou-se dentro d'uma pipa cheia d'agua, que lhe chegava até ás orelhas; o pobre professor julgou-se por um instante dentro d'um poço.

Esforçando-se por ganhar a terra firme, o sr. Pache lembrou-se do astrologo da fabula, e como era d'uma natureza mais positiva, procurou achar a explicação d'aquelle accidente inconcebivel.

Notou então que tinham sido

collocadas sobre a pipa umas varinhas que foram cuidadosamente cobertas com ervas e areia. Eis aqui a armadilha onde o professor se tinha deixado cabir sem desconfiar da malicia humana..

Entrou na aula todo molhado, e as gargalhadas dos rapazes acabaram de o exasperar.

O sr. Pache sabia perfeitamente qual era o menino a quem devia castigar, e indo direito a Bernardo Mercié, deu-lhe uma bofetada tão bem applicada que o rapaz teve uma hemorragia pelo nariz.

Então o velhote vendo aquillo perdeu todo o foror da sua cólera; teria até de boa vontade pedido desculpa ao seu alumno se... não parecesse mal.

Acabou-se a aula, e o sr. Pache tomou uma deligencia que devia conduzi-lo a um lugar que distava d'ali umas sete leguas; onde morava uma sua prima, en-

ruja casa havia combinado ir gozar o descanso das ferias, repousar das arduas fadigas d'um anno de trabalho insano.

O menino Mercié foi para casa de seus paes e guardou para si a historia da bofetada, porque ao mesmo tempo conhecia que a tinha mercio bem; e além de tudo não era cohardo nem tinha genio de se queixar.

Quando o mestre escola voltou a Taelle la-Vicomtesse, apoz alguns dias de repouso, achou o jardim devorado pelas ervas e a casa invadida pela poeira, mas em compensação vinha gordo e com um parecer de quem não passou o tempo a aturar rapazes.

Foi abrir a caixa das cartas e deparou com uma carta de convite tarjada de preto.

Lançou immediatamente a vista ao nome do morto, e viu:

«Jorge Bernardo Mercié, de onze annos de idade... e sultou um grito tanto mais agudo quanto elle respondia ás torturas do remorso!

Andou todo o dia errante pelo campo, fugindo dos homens e tendo mesmo medo da propria sombra que o sol fazia dançar pelo caminho a todos os movimentos. Ao declinar da tarde encontrou o doutor que dirigindo-se a casa, guiava o carrinho.

—Então doutor! e o menino Mercié?

—Pobre creanca; morreu d'uma meningite. Fui eu quem o tratei, quem o viu morrer!

(Continua)

José dos Santos Junior.

FOLHETIM

OS REMORSOS DO MESTRE-ESCOLA

(De Philippe Gerfant)

Era o ultimo dia d'aula antes de começarem as ferias annuaes. O mestre escola de Freille la-Vicomtesse contava partir para o campo, levando as melhores impressões do anno que acaba de passar-se.

Se os alumnos lhe tivessem agradecido os seus esforços e cuidados, se os mais gentis, os mais gratos d'ente elles o tivessem abraçado, este pobre snr. Pache consideraria-se muito bem pago: —o reconhecimento de todos aquelles pequenos corações ter-lhe-ia feito tanto bem como uma gratificação do governo. — Mas não!

Mas quando o nosso presado assignante tenha como assente que lhe convem mudar de cultura, tem ainda uma outra planta, que pode explorar e de que tantas vezes tenho fallado—a betarraba—.

Esta planta, que tantos lucros tem dado na Allemanha e nordeste da França, constitue em si uma cultura importante e alimenta duas industrias que, especialmente na Allemanha, são já de vulto, taes são a extracção do assucar e do alcool, ficando ainda os residuos para alimentação do gado, e a betarraba, em parte nenhuma do nosso paiz, como no Minho, e em alguns pontos da Traz-os-Montes e Beira-Alta, poderá encontrar meio que se aproxime mais das regiões da Allemanha em que se cultiva a betarraba.

Além d'isto, e como disse, com os residuos da extracção do assucar e alcool, pôde-se soccorrer muito a alimentação das vacas leiteiras e a criação e engorda de porcos ou bois, associando estas industrias que já estão nos hábitos dos nossos agricultores.

Mas é já tempo de entrar na consulta e, acceitando a opinião do nosso assignante, acerca da conveniencia de mudar para a vinha, vamos por isso responder a cada um dos seus quesitos publicados no numero anterior.

1.ª «Se a região comprehendida entre os rios Ave e Cavado se presta à cultura da vinha baixa».

A resposta é simples e affirmativa, mas não absoluta: a vinha pôde ser cultivada em forma baixa n'aquella região, como em qualquer outra dos districtos do Minho, mas não é essa a que mais lhe convem, deve variar com as circumstancias especiaes, como vamos ver nas respostas seguintes.

2.ª «Qual o systema de plantação e cultura mais conveniente, isto é, se deve adoptar-se a cepa como no Douro, ou se darão melhor resultado as estacarias inclinadas, ou as ramadas baixas e qual a altura e largura d'estas».

Para se fazer a plantação a terra deve ser profundamente movida e adubada e se for em terra encostada e secca deve ser feita a mancha, deixando o extremo do bacello à profundidade de 0^m,70 a 1^m,0; se for em campo pôde ser feita a estaca ou ao covacho à profundidade de 0^m,50 a 0^m,70 conforme a terra for mais ou menos permeavel, mais ou menos humida.

Em qualquer dos casos, as plantas devem ser collocadas em linhas regulares e a iguaes distancias umas das outras. Quanto à altura a que se deve sujeitar a planta, isto é a que se deve fazer a empa, ainda devemos distinguir em relação a terra; se a plantação se acha em encosta exposta ao sol poderá dar-se a vinha a fórma do Douro, mas no geral e quando se tratar de vinha no campo convirá sempre dar a cepa mais altura.

Aquella disposição que a pratica de tantos seculos deu à videira, trepando pelas arvores, ou encostando-se em latadas ou ramadas na nossa provincia de entre Douro e Minho, é a mesma que se encontra na Saboya e na Lombardia; o clima e especialmente a fórma de cultura dos campos assim o exigem; a humidade atmospherica e a abundancia da agua de rega e da materia organica que fertilizam os campos, em que as videiras se encontram, acabariam por fazer apodrecer as uvas, antes de as amadurecer, e produziriam muita folha com prejuizo do fructo se não dessemos a videira bastante expansão e arejamento, embora seja excessiva a altura a que por vezes a fazem chegar, e a cultura dos campos seria dificultada pela vinha baixa.

Mas quando se trata da plantação d'uma vinha occupando toda a área do campo, as condições mudam; a agua de rega suprime-se, a materia organica diminue-se e como fica só a acção do clima deve tomar-se então, como forma mais adaptada, a empa de altura média isto é, dispõem-se as videiras atando-as ou empando-as em altura superior à que se lhes dá no Douro e inferior à que em geral se vê no Minho, nas arvores e nas latadas ou ramadas.

N'esta provincia a vinha em plantação regular deverá ser levantada à altura de 1^m,50 a 2^m,0 e pôde ser disposta ou em estacarias, espaldeiras ou latadas, a que em parte do Minho se chama *arjuadas* (em arjões) apumadas, ou em ramadas, latadas inclinadas ou horizontaes, a que chamam *latas* e em outras partes *parreiras* ou *ramadas*. Uma e outra d'estas formas são já usuaes no Minho, o que precisa é serem regularizadas: as *arjuadas*, *espaldeiras* ou *latadas* apumadas (bardas ou cordões no Douro) devem ser formadas por postes ou esteios de pedra, caibros a prumo, ligados horizontalmente por fios de arame zincado, e as *parreiras*, ou *latadas* ordinariamente horizontaes, serão formadas e da mesma maneira apoiadas sobre esteios, mas devem ter sempre a disposição obliqua ou inclinada ao sol.

Na *arjuada* a cepa deve dar os primeiros traços, para a empar à altura de 0^m,50 e subir em escala até 1^m,50 ou 2^m,0; na *ramada* a parte mais baixa deve posar em esteios cuja altura seja, fora da terra, 0^m,50 a 0^m,70 de um lado e 1^m,50 do outro, e cuja largura convirá ser de 1^m,50 a 2^m,0.

Os nossos assignantes encontram um bom exemplo de latada apumada, pelo systema Casenave modificado, em uma vinha plantada e dirigida nos seus amanhos pelo meu amigo e collega Araujo Pimentel na freguezia de Soutello, proximo a Braga; e pôdem ver ramadas muito bem dispostas na famosa região vinhateira de Monsão, onde se encontra quasi perfeito o que deixamos descripto.

Lisboa, — 9 — 87.

(Continua).

Rodrigues de Moraes.

Documentos

Julgamos-nos dispensados de acompanhar com quaesquer commentarios os documentos que em seguida publicamos e que nos são remettidos pelo exm.º visconde da Torre, digno deputado e presidente da camara municipal d'este concelho.

Para quem, como nós conhecemos o sr. visconde, escusados eram elles. A bondade do seu coração e a seriedade do seu caracter são bem conhecidas. Não poderão empanar-lhe o merito, as arremettidas raivosas de quaesquer escribas assalariados.

Eis os documentos:

Documento n.º 1

(Copia)

Ill.º e Ex.º Sr. Tenente Eduardo Augusto Pereira da Silva.

O numero 124 do jornal o Re-

generator d'essa cidade, publica uma local sob o titulo de *A desordem na romaria do Allivio*, na qual se lê o seguinte:

«Consta-nos que no concelho de Villa Verde vae grande indignação contra o sr. presidente da camara, e deputado por Valença o sr. Visconde da Torre, por cauza das tristes occorrencias que se deram na romaria do Allivio.

«Diz-se que o sr. administrador do concelho, estando doente e não podendo policiar aquella romaria, d'era todos os poderes ao sr. presidente da camara para o substituir n'aquelle encargo.

«Longe de empregar os meios que a prudencia aconselhava, o sr. Visconde ordenou à força que se o povo não obedecesse, fizesse fogo. «As ordens foram cumpridas e as consequencias produziram as victimas que se sabe».

Tendo sido V. Ex.º o commandante do destacamento militar que ali foi coadjuvar a auctoridade na manutenção da ordem, vou rogá-lhe se sirva declarar-me se alguma coisa ha de verdade na asserções d'aquella folha.

Outro sim rogo a V. Ex.º se digne conceder-me que eu faça o uso que me aprover da sua declaração.

De V. Ex.º

Visconde da Torre.

C. de V. Ex.º da Torre 20 de Setembro de 1887

Documento n.º 2

(Copia)

Ill.º e Ex.º Sr.

Resposta à carta de V. Ex.º

Quando V. Ex.º requisitou a força do meu commando pedi-me que não mandasse fazer fogo; observando eu então a V. Ex.º que esse pedido seria ou não satisfeito consoante as circumstancias do conflicto.

Pode V. Ex.º se lhe aprouver dar publicidade a esta resposta.

Do V. Ex.º

Eduardo Augusto Pereira da Silva,

tenente d'Infanteria 8.

C. de V. Ex.º 22 de Setembro de 1887.

PEROLAS E DIAMANTES

A MOURA ENCANTADA

(Conto Algarvio)

Como a velhinha se aquecia ao fogo que brilhava na lareira! Como o seu olhar seguia as doidejantes faiscas que de continuo saltavam, e que iam morrer ao meio da chaminé! Como ligeiros passavam os seus dedos pelas negras e velhas contos do rosario, e com que fervor os seus labios (que certamente outr'ora foram o alvo de muitos beijos...) murmuravam orações sobre orações, padre nossos e ave-marias! E como a chuva enia lá fóra! como o vento gemia! como os relampagos fuzilavam, e roncavam os trovões!

E Margarida era só. Era ella que sosinha tractava da cabana, que ia ao matto buscar lenha, que cuidava do ortejo de que comia.

Havia tanto que não tinha

ninguem! Ella nem já se recordava de quando lhe morrera o ultimo filho, tão longe ia esse tempo!

Adormecia ella ao estalar das faiscas e ao bramir da tempestade, quando perto de si sentiu barulho. Olhou admirada, e que viu? uma rapariga olhando a atentamente, mas tão linda, tão linda, que talvez no mundo não houvesse outra assim!

Assustou-se a pobre velhinha; mas pouco durou isso, que a melodiosa voz da rapariga fez-se assim ouvir:

—Não tenhas receio, Margarida, que mal não faço.

—Mas... quem és tu? e como entraste?

—Sou uma moura encantada, e tenho poder portanto...

A velhinha interrompeu:

—Uma moura encantada, tu?!

—Sim.

—Não acredito. Ha tanto tempo que acabaram essas coisas!

Olha: quando o meu filho me morreu, já não havia disso... Foi elle quem desencantou a ultima moura.

A rapariga sorriu. Que sorriso tão doce e expressivo! Como elle assegurava o contrario do que a velhinha dizia!

—Mas, ainda que tu sejas uma moura encantada, que vens aqui fazer?

—Escuta, Margarida. Olha-me bem... attentamente... Assim... assim... Metto-te medo?

—Medo, não! Até gosto de ti! Pareceste muito com a minha Maria, que morreu ha tanto tempo! Era tão bonita! Como eu chorava quando Ma...

—Mas escuta! Se te assegurasse que era uma moura... se te pedisse para me desencantares... que dirias tu? Dize...

Eram estas palavras pronunciadas com accento tão doce, tão triste e ao mesmo tempo tão supplicante, que a velhinha não pôde deixar de olhar attenta para a rapariga.

—E' então verdade?... E's uma moura encantada?...

—Sim. Se soubesses quanto esta vida é triste, quanto o nosso coração padece, como a nossa alma anda sempre immersa em profunda melancholia!

—Choras?

—Chorar! Não! O fado não nol-o permite.

—Lastimo te por isso. Se soubesses quanto o chorar allivia as maguas!

—E só tu podes alliviar as minhas.

(Continua)

Estevão Monteiro.

CARTA DE AMOR

I

Aonde foste buscar A penna com que me escreves Estas cartinhas sem par, Cariciosas e breves?...

Quem ensinou a escrever As tuas limpidas phrases, Que tornam d'enlouquecer Todas as cartas que fazes?...

Que origem tem o fulgor Das tuas cartas divinas, Das tuas cartas d'amor, Com que o meu peito illuminas?...

Ah! já sei!... As pombas bellas, Quando cheias de cansaço, Largam as pennas singellas Ao poizar-te no regaço!...

Ah! já sei!... De tanto ouvir O canto das colovias, Conseguiste-o traduzir Nas cartas que tu me envias!...

Ah! já sei... pois que tu olhas Continuamente as estrellas, E' certo que a penna molhas, Na luz que dimana d'ellas!...

II

Beijo-as a todo o momento... São a crença de quem sonha... Desterram o soffrimento Da minha vida tristonha...

Nunca de as lér me cancei... —De estar a lél-as affeito Creio mesmo que forrei Com tuas cartas meu peito!

E

A policia civil

Consta-nos que Ignacio Pereira da freguezia de Soutello, d'este concelho, apresentara em Juizo uma queixa, contra o guarda civil numero vinte e sete Sezinando dos Santos, que é um dos pronuncia-dos no crime do Allivio.

Segundo essa queixa, este Ignacio Pereira, por accasão da romaria do Allivio, foi detido pelo regedor e entregue por elle a tres guardas civis a fim de o conduzirem a casa de detenção. Obdeceu promptamente, sem a menor sombra de resistencia e sem pronunciar um queixume. Pois, apezar de tudo isto, o tal sr. Sezinando entendeu dever mostrar a sua auctoridade atirando-lhe tres golpes de bayoneta, dos quaes ainda conserva ferimentos!

O participante apresenta como testemunhas do facto, os outros guardas civis que o acompanharam á prisão e que parece terem desenhado leuvemente o seu dever, impedindo até que o tal sr. vinte e sete levasse mais longe os seus furores, pelo que são dignos de todo o elogio.

Como testemunhas de referencia apresenta o digno commissario de policia e o nosso redactor principal que, ao que parece, ouviram da bocca d'estes guardas, a confissão do facto.

Não fazemos commentarios mas limitamo-nos a apresentar este facto, que demonstra bem aquillo que aqui temos dito e que se reduz a afirmar que um procedimento prudente e sensato da parte da policia, tudo teria evitado.

De visita

Tem estado n'esta villa a exm.º sr.º D. Virginia Leite Ribeiro da Silva Norton, esposa do muito digno escrivão de fazenda d'este concelho.

Matrizes prediaes

Em serviço publico veio a Villa Verde o sr. Miguel d'Araujo, activo inspector da nova revisão das matrizes prediaes.

Falta d'agua

E' bastante sensivel a falta de agua no chafariz publico d'esta villa, não chegando para o abastecimento dos seus habitantes a que actualmente deita.

Vindimas

Está-se procedendo n'este concelho com o maximo desenvolvimento á colheita vinicola.

A produção, d'uma abundancia pasmosa e de optima qualidade, faz lembrar os antigos tempos em que uma pipa dava apenas tres a quatro mil reis.

Ha grande falta de utensilios viarios e os nossos lavradores vem-se deveras embaraçados com os trabalhos da vinificação.

Sentimos

Acha-se bastante mal o pae do nosso talentoso amigo, o sr. padre José Maria Gomes.

Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Melhoras

Tem estado doente o sr. Rodrigo d'Azevedo Coutinho recebedor d'esta comarca, achando-se ha dias um pouco melhor com o que sinceramente folgamos.

Contribuições

Acha-se em reclamação, a contar do dia 20 do corrente, a matriz da contribuição da renda de casa e sumptuaria d'este concelho, afim de todos os contribuintes n'ella inscriptos poderem reclamar como entenderem.

Errata

No nosso numero passado escrevendo uma local com referencia á praia de Ancora, posemos-lhe por engano a epigraphe da «Praia da Granja».

Mudança de residencia

Mudou a sua residencia para Braga (Campo Novo) o nosso antigo assignante o sr. Manoel José de Barbosa e Brito.

Desejamos que ali gese todas as venturas.

Dr. João Feio

Já se encontra restabelecido este nosso amigo, muito digno administrador d'este concelho.

Mais outra victima

Rosa da Silva, uma pobre mulher, casada com Antonio José Pereira, da freguezia do Soutello, teve ha dias um parto abortivo, motivado, segundo nos affirmam, por umas pranchadas que recebeu d'uns policias, por occasião dos lamentaveis acontecimentos da romaria do Allivio.

Pedia esta noticia mais algumas considerações, e se não as fazemos é por termos a certeza de que os tribunaes saberão condignamente desempenhar-se da sua alta missão.

Preço do mercado

Na feira de hontem realisada n'esta villa, os preços correntes foram os seguintes.

Milho branco alqueire...	360	reis
" amarello "	340	"
Centeio	360	"
Fenção miudo	300	"
" graudo	480	"
Batata	300	"
Nozes	600	"

Estada

Esteve n'esta villa o ex.^{mo} sr. conselheiro Rocha Paris, muito digno governador civil de Vianna do Castello. Sua ex.^a demorou-se aqui apenas algumas horas, seguindo para Vianna em companhia de seu filho, o ex.^{mo} Visconde da Torre.

Festas em Pedregaes

No domingo ultimo realizou-se n'esta freguezia uma brilhante festividade, em honra do SS. Sacramento.

Juiz da confraria era o nosso prestimoso amigo dr. João Feio Soares d'Azevedo, dignissimo administrador d'este concelho, que convalescente ainda d'uma dolorosa enfermidade, não poupou esforços, fadigas nem despesas para dar á festa o maior grau de solemnidade e esplendor.

Na noite de sabbado queimou-se uma collecção de variado e vistoso fogo d'artificio, ao mesmo tempo que uma banda de musica fazia ouvir mimosas e escolhidas peças.

Assistiu á festividade o revd.^o arcepreste, abbade d'Esqueiros, que serviu de mestre de cerimonia.

N'um primoroso e elevatado discurso affirmou o sr. abbade de Duas Igrejas, mais uma vez, os seus incontestaveis dotes de orador fluente e profundo.

Depois da festa de manhã, o benemerito juiz dr. João Feio, offereceu a grande numero de seus amigos um lautissimo jantar. Vimos ali as pessoas mais gradas da ribeira de Penella, e outras das principaes familias do concelho.

Não se descreve um banquete d'estes, porque, depois de tudo o que se dissesse a engrandecê-lo, restariam ainda notaveis ommissões.

Limitamo-nos; pois, a adjectivalo com a palavra—magnifico—tanto na promptidão e regularidade do serviço, como no aprimerado dos cozinheiros e na profusão interminavel das iguarias.

As horas passavam rapidas n'este gratissimo convivio; e foi, por isso, que em vista do adiantado do dia, se deu por terminado o banquete, para se tratar da ultima parte da festividade. Um brinde levantado pelo sr. arcepreste e endereçado ao digno juiz, que este agradeceu em breve mas eloquentes palavras, por termos este sumptuoso banquete.

Em seguida uma vistosa procissão, de que faziam parte todas as confrarias de Duas Igrejas, com as respectivas bandeiras arvoradas, seguiu á igreja até ao solar da Magdalena, de que é actual representante o dr. João Feio.—e ahí o sr. abbade de Moura, que, em razão estreitesa de tempo não pôde pronunciar o discurso que lhe estava incumbido, fez todavia uma rapida allocução, deixando aos ouvintes uma impressão agradável e feliz.

E assim terminou esta esplendida manifestação do culto.

Parabens ao sr. dr. João Feio.

Pronuncia e remoção de presos

Foram pronunciados sem fiança os guardas civis numeros 27 (Sesinando dos Santos) 13 (Antonio Julio Baptista) e 4 (Eusebio d'Almeida) que foram aquelles que na romaria do Allivio, immediatamente ao conflito com alguns populares dispararam tiros sobre a multidão, dos quaes tiros alem de varios ferimentos resultou a immediata morte de João Manoel Martins, de Geme, e posteriormente a de Manoel Mano, da Leureira.

Os prezos foram removidos para as cadeas civis de Braga.

Outra victima

Lá morreu no hospital de S. Marcos em Braga, o desgraçado

Manoel Mano, ferreiro, solteiro, do logar do Esparido da freguezia da Loureira, que havia sido ferido por uma das balas das armas que trez guardas civis e dois soldados dispararam immediatamente ao conflito entre a policia e o povo, por occasião da romaria do Allivio, n'este concelho.

O desgraçado chegou a considerar-se livre de perigo, mas uma febre sobreveio e os esforços da medecina foram então baldados.

Manoel Mano era um rapaz trabalhador, que sustentava do producto do seu trabalho, sua velha mãe e alguns irmãos.

Ao digno director das Obras Publicas.

Chamamos a attenção d'este illustrado funcionario para o mau estado em que se acha a estrada real n.^o 3, na parte comprehendida entre esta villa e Braga.

Precisa ella de importantes reparações, que não estão ao alcance dos cantoneiros.

Em vindo as primeiras chuvas, se se lhe não accudir a tempo, aquella estrada tornar se-ha intranzitavel.

Dirigimo-nos confiadamente a a. exc.^a, porque conhecemos o seu zelo pelo serviço publico e sabemos que está sempre prompto a attender reclamações justas como esta.

Fallecimento

Em avançada idade, falleceu na passada segunda feira, na sua illustre casa do Souto, freguezia de Geme d'este concelho, o exc.^{mo} sr. Francisco Candido de Magalhães Barreto Calheiros, um dos mais considerados cavalheiros d'este concelho.

Era o finado oriundo de umas das mais distinctas familias da provincia do Minho e natural de Brandara, concelho de Ponte do Lima. Era formado em direito, pela universidade de Coimbra, e desempenhou cargos importantes n'este concelho, taes como o de presidente da camara, juiz de direito substituto, etc; havendo-se sempre, em todos elles, por forma dignas dos maiores louvores.

A sua morte tem sido geralmente sentida.

A' exc.^{ma} viuva do finado, filhos e genros e toda a mais familia enviamos a expressão do nosso sentimento.

DESSERT

Uma mae applica uma tunda no seu filho que grita desesperadamente.

Passa um sujeito e com voz severa.

—Porque bate assim n'uma pobre creança senhora?

—Porque não quer aprender coisa alguma, porque é um burro.

—Um burro! Então nem uma pancada mais. Prohibo-lh'o. Sou membro da Sociedade protectora dos animoes.

Um bebedo ao ver o cadaver d'um affogado.

—Ponha os olhos n'isto! E, vá o tolo d'um homem beber agua!

O sr. G. resolve aprender a cantar e diariamente come seis ovos.

—Para que comes tu seis ovos, pergunta-lhe um amigo.

—Para ver se consigo cantar como a galinha.

Entre dois amigos:
Dize-me: teu tio que morreu ha pouco deixou-te alguma coisa?

—Aí! Só tive tempo de recolher o seu ultimo suspiro...

Em policia correccional:
O auctor—Sr. juiz posso provar que esse homem me chamou covarde e ladrão.

O rev.^o—V. falta á verdade. Eu só lhe chamei imbecil, estúpido.

O juiz—Tenho, a prevenir o accusadodo, que é a ruim que se deve dirigir.

Um philosopho dado a estudos estatisticos apurou, em relação a Portugal, os seguintes dados, que são tremendos:

No anno de 1886:
Homens que casaram por interesse—2631.

Que se casaram por extravagancia—320.

Que se casaram para montar casa—1134.

Que se casaram por obrigação de acabar o namoro—355.

Que se casaram por amor—21

Quem dá aos pobres...

Maria das Dores, de Soutello, a braços com uma doença pertinaz e dolorosa, é aconselhada pela medicina a uzar de banhos do mar.

A sua extrema pobreza, porém, nega-lhe este recurso.

A's almas piedosas, portanto, pede uma esmola para aquelle fim, que tanto pode ser entregue na sua morada, como em Villa Verde, na agencia d'este periodico.

ANNUNCIOS

Comarca de Villa Verde

(1.^a publicação)

ARREMATAÇÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e repartição de fazenda no dia 2 do mez de Outubro proximo ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial se tem de proceder á arrematação dos bens penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra João Leite de Macedo, da freguezia da Lage, e hoje a viuva Maria da Conceição Taveira e Silva Leite, actualmente residente na cidade de Braga, para pagamento da quantia de

dezoito mil cento e vinte e quatro, reis de decima de juros de 1886 além dos juros da móra, sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

Uma bouça ou coutada denominada da levada sita na freguezia da Lage. Pelo presente são citados todos os credores incertos e rezidentes fóra da comarca, para assistirem aos termos da presente execução e deduzirem na forma da lei. Villa Verde 13 de Setembro de 1887.

Verifiquei a exactidão

Juiz de direito substituto legal e presidente da camara.

139 a) Rodrigues.

O Escrivão de fazenda

Arthur Norton da Silva Rosa.

TABELLA DOS EMOLUMENTOS
A colgar nas secretarias das Corporações e Tribunaes Administrativos
Aprovada por Carta da Lei de 23 de agosto de 1887, precedida do respectivo relatório. Pagina 40 reis
Pelo correio franco de porto quem enviar a sua importancia em sellos postaes. A livreria—Cruz Coelho—Edificia rua dos Colleteiros, n.^o 20 Porto.

EDITAL

A Camara Municipal do concelho de Villa Verde:

Faz saber que se acha aberto o cofre do municipio, desde 1 a 30 d'outubro proximo, para a cobrança dos foros vencidos em 29 do corrente mez.

Quando não satisficam dentro do referido praso, serão compellidos ao pagamento.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente edital, que será affixado nos lugares publicos e do estylo.

Villa Verde, 17 de Setembro de 1887. E eu, Antonio José d'Araujo Pimentel, secretario da camara, o subscrevi.

(139) O vice-presidente,

Lawrenço Soares Rodrigues.

ASDODIDAS EM PARIS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES

EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrafados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 14 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho d'alto valor artistico que mereceu os melhores elogios dos competentes. Já está concluido o primeiro volume. As copias para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 reis. Para os assignantes que preferiram receber a obra nos fasciculos, continua aberta a assignatura.

Livraria Portuense de Lopes & C. - editores

RUA DO ALMADA, 123 - PORTO

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 - Porto

A FELICIDADE

por

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no sactuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os anrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos madores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 reis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 reis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantindo aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa Litteraria Typo e Graphica, editora, 211, rua do Almada, 217 - Porto.

A Estação

Jornal Illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, necessarios para crianças, enxovals, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilis, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, decoratos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricot, crochet, frivolité, guipura, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, penhas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosas monogramas, iniciaes e alfabeticos completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos ficando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Comprestar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas do merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contêm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON — Porto, Principia no dia 1.º de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:
 Em anno 4\$000
 Pela meza 2\$100
 Numero avulso 500



EDIÇÃO MONUMENTAL

HISTORIA

da

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 14 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho d'alto valor artistico que mereceu os melhores elogios dos competentes. Já está concluido o primeiro volume. As copias para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 reis. Para os assignantes que preferiram receber a obra nos fasciculos, continua aberta a assignatura.

Livraria Portuense de Lopes & C. - editores

RUA DO ALMADA, 123 - PORTO

Privilegio exclusivo por 15 annos

ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approved pela Eschola Medico-cirurgica do Porto

Este excellente medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.^{mos} medicos com bom resultado com bom resultado contra as molestias da pelle, como: berpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, es-crophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphãos.
 Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS

HISTORIA D'ANGOLA

por GUIZOT

E recolhida por sua filha Madame Vitt

Tradução de Maximiano Lemos Junior

Grande publicação illustrada com magnificas gravuras

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

A obra comprehenderá aproximadamente 60 fasciculos e será dividida em 4 volumes. Publicar-se-hão dois fasciculos mensalmente, sendo distribuidos pontualmente no dia 1.º e 15 de cada meza.

Em Lisboa o Porto serão distribuidos os fasciculos quinzenalmente mediante o pagamento no acto de entrega de 100 reis cada fasciculo. Nas demais terras do reino, acresce a cada fasciculo o porte do correio, sustentado por isso 110 reis. E todavia condição indispensavel a remessa é em-praza da importancia de dois ou mais fasciculos adiantadamente, com o competente porte do correio. Para o Brasil o preço de cada fasciculo é de 400 reis francos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS & C. Praça d'Alegria, 104 - Porto.

A MARTYR

por EMILE RICHEBOURG

Interessante romance, illustrado com excellentes chromos e magnificas gravuras.

10 reis cada folha, chromo ou gravura.

Brindos a cada assignante reis 100, \$3000 em 3 premios pela loteria.

Um bonito album com o panorama completo de Lisboa, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e juntamente o panorama tirado do passeio de S. Pedro d'Alcantara.

Peça-se o prospecto que se distribue no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz Pau, 26, 1.º, Lisboa onde se assigna e em todas as livrarias do paiz

BIBLIOTHECA CIVILISADORA

O GRITO DE SANGUE

Este romance de Fortuné de Boisgobey, será publicado em fasciculos semanaes, contendo 22 paginas, formato sitavo grande pelo preço de 40 reis pagos no acto de entrega. Para as provincias acresce 5 reis em fasciculo para porte do correio.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Rodrigues & C.ª gerentes da «Biblioteca Civilisadora», rua de Sant'Anna, 22 - Porto.

Typ. de Sa Pereira—1887

A MARTYR

por

ADOLPHO DENNERY

Versão de João Pinheiro Chagas

Celebre romance procurado com excepcional interesse pelos leitores dos dois mundos e publicado no «Primeiro de Janeiro» e de que foi extrahido o drama actualmente em scena nos theatros Baquet e D. Maria II.

Edição illustrada com gravuras.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O romance «A Martyr» constar, de 2 volumes em 8.º illustrados, distribuidos em fasciculos semanaes de 10 folhas de impressão de oito paginas cada uma, ou 9 e uma gravura, a 10 reis cada folha, ou 100 reis cada fasciculo pagos no acto de entrega. A obra completa não terá nem mais de 10 nem menos de 8 fasciculos.

Para as provincias, os fasciculos serão enviados francos de porte, pelo mesmo preço que no Porto, mas só se acceptam assignaturas que venham acompanhadas da importancia de 5 fasciculos adiantados.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisadora de Eduardo da Costa Santos — Editor Porto—Rua de Santo Ildefonso, 4 P. S. Acha-se já em distribuição o 1.º fasciculo. Envia-se prospectos a quem nos pedir.

O maior successo litterario

O maior successo litterario